

Peregrinação a Czestochowa 2014 **Mensagem de Julián Carrón**

Queridos amigos, é este o drama do homem: desejar qualquer coisa que não pode dar a si próprio, porque a nossa necessidade é incomensurável com quanto podemos fazer ou gerar com as nossas forças. Qual seja a nossa necessidade é algo que não decidimos nós, mas que encontramos em nós como experiência de uma «desproporção estrutural» – diz Dom Giussani – que nos faz ser desejo de infinito, de totalidade. Podemos ter mais ou menos consciência de que essa é a questão, mas é impossível o desejo de totalidade não estar presente em tudo o que fazemos. Por isso dizemos com Cesare Pavese que «aquilo que um homem busca nos prazeres é um infinito, e ninguém renunciaria jamais à esperança de conseguir esta infinitude» (*O ofício de viver*).

Se com tudo aquilo que geramos e fazemos não somos capazes de responder, a única possibilidade é que a resposta venha de fora de nós. Sem se abrir a outra coisa distinta o homem não se pode realizar. Mas como se pode produzir esta abertura, se tantas vezes a pessoa pensa que se perde a si mesma se se abrir a um outro? Só experimentando uma atração tal (pensemos no amor) é que consegue abrir a sua “fortaleza”; só se a atração de uma presença é tão forte que vence a tentação de nos fecharmos no nosso círculo é que o homem se poderá abrir. Foi por isso que o Mistério entrou na história, mostrando-se de tal maneira atrativo que tornou possível ao homem a relação com uma presença, que o abre – digamos –, o desarma do ficar atrás das barricadas, na defensiva, para se abrir a uma coisa que o realiza.

Nós vamos a Czestochowa para pedir a esta Presença que seja tão real na nossa vida que nos permita abrir-nos ao seu atrativo. Porque é inevitável que cada um, se não encontra este Outro, tente realizar a sua vida com a sua atuação, uma vez que, seja como for, o desejo permanece, como gigante «em solitário campo» (G. Leopardi, «O pensamento dominante»). Toda a pretensão de Jesus é esta – não no sentido de querer impor alguma coisa, mas porque leva a uma promessa –: o homem só se poderá realizar se deixar entrar na sua vida a Sua presença. Mas quem está disposto a isso? Como vemos no Evangelho, diante de semelhante pretensão surgiram tantas resistências que quase todos a rejeitaram. É necessário um amor para reconhecer isto, é um problema de afeição. O problema da vida não é o sucesso, mas um amor; entender bem isso a partir do interior da própria experiência é crucial.

A peregrinação é um momento privilegiado porque, pela própria dinâmica do gesto, pelo cansaço, pelo esforço, pela dureza do caminho, cada qual se dá mais facilmente conta da natureza da sua necessidade, é facilitada a sua tomada de consciência de si mesmo e, por conseguinte, a pedir Outro. «A vida é minha, irredutivelmente minha» («Movimento, “regra” de liberdade», 1978), dizia Dom Giussani, e nada é tão sério como a vida, porque está em jogo a felicidade, que é a razão de viver.

Ir a Czestochowa para pedir esta consciência que nos foi dada desde o primeiro instante em que tivemos uma experiência séria da vida, graças à qual descobrimos em nós o desejo de ser felizes, pedir que não falte este desejo, é a coisa que mais urge.

Peço-lhes que caminhem até Nossa Senhora de Czestochowa acrescentando a todas as suas intenções mais esta: que o Movimento de Comunhão e Libertação, no sexagésimo aniversário do seu início, permaneça fiel ao carisma recebido, porque nós vimos com os nossos olhos a fecundidade do carisma, vimo-lo encarnado em Dom Giussani, que nos fascinou a todos.

Só vamos poder dar a contribuição a que o Papa Francisco nos chama – levar Cristo às periferias existenciais, aos lugares onde se desenvolve a vida de todos – se começarmos por dar testemunho do carisma agora, de um cristianismo vivido com esta atratividade.